

A *EMPRESA BRASILEIRA E OS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO: O PAPEL DA PESQUISA CIENTÍFICA NA BUSCA DE NOVOS MODELOS DE GESTÃO*

Moisés Francisco Farah Júnior*

RESUMO

O projeto de pesquisa científica busca completar de forma organizada e sistemática a formação e o preparo do aluno universitário. O mercado de trabalho vem exigindo um profissional que tenha um bom nível de conhecimento dos conteúdos formais e que esteja em contínuo processo de aperfeiçoamento, que o capacite a compreender e agir em um mundo globalizado e competitivo. Esta realidade necessita de profissionais que estruturam estratégias de gestão empresarial capaz de enfrentar e superar os desafios da globalização. Este texto pretende discutir o papel da pesquisa científica desenvolvida na Universidade como um dos instrumentos que possibilita um melhor conhecimento da realidade empresarial.

Palavras-chave: pesquisa, conhecimento, estratégias de gestão, mudança, modernização.

ABSTRACT

The scientific research project has the objective to complete in a systematic and organized way, the training and preparation of the university student. The work market has been requiring from the candidate a good level of formal contents of knowledge, besides having a constant improvement. It would make him able to comprehend and interact in a international and competitive world. Such reality needs a type of professional which can produce management strategies good enough to face, as well as to overcome the globalization challenges. Once The University draws its attention to the scientific research , it is making possible the graduation of new professionals, able to contribute to the management organizations.

Key words: research, knowledge, management.

*Economista. Mestre em Inovação Tecnológica pelo CEFET-PR. Doutorando em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de Desenvolvimento Econômico na FAE.

INTRODUÇÃO

Este texto busca discutir o papel da pesquisa científica acadêmica como uma das formas de se entender o novo paradigma de gestão da empresa brasileira face à realidade da globalização. A universidade, por meio dos programas de iniciação científica, pode colaborar para o desenvolvimento e aplicação de novos métodos de conhecimento da realidade empresarial, inserida em um mundo globalizado.

O conhecimento das profundas transformações de natureza econômica, política, social, cultural e educacional é buscado na universidade, enquanto um saber construído pelos homens, e este saber pode ser apropriado e aplicado na resolução de muitas situações da prática cotidiana da comunidade brasileira e da empresa em seus aspectos específicos.

Parte-se aqui do pressuposto de que as transformações que estão ocorrendo globalmente impõem de mudanças na forma de gestão empresarial para que a empresa se torne competitiva, estruturada de acordo com os padrões mundiais, desenvolvendo suas potencialidades de maneira pró-ativa, tal qual se observa em outros países.

Essa nova visão de gestão empresarial pode ser desenvolvida a partir dos programas de iniciação científica, oferecendo-se à sociedade instrumentos teórico-práticos para a intervenção na realidade social. Com este processo estará sendo efetuada uma melhor preparação para o corpo discente que, com espírito crítico, terá melhores condições de inserção efetiva no mercado de trabalho.

1 A EMPRESA BRASILEIRA DIANTE DOS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO

Historicamente, as atividades econômicas no Brasil, em especial a indústria, adotaram o modelo de substituição de importações para atender a crescente demanda interna. A produção doméstica por muito tempo beneficiou-se de políticas de proteção tarifária e não-tarifária, tornando o mercado interno cativo e sem concorrência. Porém, o setor industrial brasileiro, que não se preocupava em concorrer com outros mercados, é sacudido violentamente com a aceleração da globalização e da abertura comercial que se acentua no final dos anos 80 e início dos anos 90.

Cabe lembrar que com a provável implementação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), a partir de 2005, exige-se desde agora o preparo das empresas para esta nova etapa de competição econômica, cultural e tecnológica, que já se apresenta de forma intensa e crescente. Internamente, as empresas brasileiras têm adotado e implementado programas de reengenharia, redução de custos, enxugamento de estruturas e adaptações de suas linhas de produção calcadas no modelo fordista-taylorista. No entanto, tais medidas são consideradas insuficientes, pois não alteram na forma e o modo de organização das empresas, que utilizam métodos gerenciais antiquados, tecnologia centrada apenas nos equipamentos produtivos, com gestão empresarial centralizada e autoritária que as impede de obter competitividade internacional. De acordo com FLEURY, (1994, p. 31), as empresas incorporam flexibilidade para tentar mudar sua gestão de acordo com as novas exigências, mas não alteram as relações de poder vigentes na cultura empresarial.

Portanto, é necessário adotar políticas de crescimento empresarial condizentes com os desafios competitivos da globalização e da abertura dos mercados, dotando-as de uma mentalidade de administração inovadora, capaz de mobilizar o conjunto de meios de produção (capacidade empresarial e tecnológica, capital, recursos humanos e naturais) de forma sinérgica, possibilitando às empresas crescer de forma estruturada para enfrentar os desafios futuros.

Dada essa necessidade, torna-se necessária a elaboração de estudos sobre os ramos de atividade econômica que podem vir a sofrer influência da formação da ALCA, trazendo diagnósticos acerca do estágio de desenvolvimento organizacional em que as empresas se encontram, principalmente as pequenas e médias empresas, inclusive as com potencial exportador. Essas empresas, ao se capacitarem de acordo com os padrões internacionais, podem tanto vir a ser fornecedoras de grandes empresas globais como passar a ofertar produtos e serviços para o mercado internacional em condições de competir com outros fabricantes em qualidade e preço.

Esses estudos poderão ser desenvolvidos pelas instituições de ensino superior, mediante programas

de iniciação científica. Esses programas podem ser implementados a partir do 2º ano do curso universitário, sob um enfoque pluridisciplinar e com a orientação de um professor a ela vinculado. A ênfase dos trabalhos deverá estar voltada à pesquisa de novas formas de gestão da empresa brasileira e sobre suas necessidades de capacitação para inserir-se no mercado nacional e mundial de forma competitiva.

2 O PAPEL DA UNIVERSIDADE ANTE A QUESTÃO DA GESTÃO EMPRESARIAL

Uma vez que as necessidades de mudança na forma de gestão empresarial vêm se tornando imprescindíveis, é preciso encontrar novos modelos de gestão compatíveis com os desafios atuais e romper com os antigos paradigmas. Isto é referendado por PASSOS (1996, p.1) ao afirmar que “isto exigirá abandonar os antigos modelos fordista e taylorista por métodos de produção de alta performance, que vem sendo estabelecidos mundialmente”.

Nesse processo de mudança, a contribuição da universidade passa a ser fundamental, pois, enquanto instituição que exerce o pensamento crítico, reúne os elementos e as condições de encampar um trabalho que venha a oferecer à sociedade várias opções de gestão empresarial dentro do novo paradigma trazido pelos desafios da globalização. Assim, a universidade cumpriria plenamente o seu papel de entidade de ensino, pesquisa e extensão, através da realização de um trabalho concreto de análise, interpretação e criação de mecanismos de mudanças para diversos segmentos da sociedade, capazes de romper com os modelos do passado, efetuando a passagem para a transformação social exigida neste final de século.

A universidade, como instituição de pesquisa, é responsável por um número significativo de investigações avançadas que estão tecendo a chamada revolução técnico-científica. Tais investigações têm como fundamentos não apenas a descoberta teórica, mas sua aplicação prática dentro de um novo paradigma cultural e institucional.

A universidade, ao priorizar a produção do conhecimento, deixa de centrar-se somente no ensino para abarcar a idéia da pesquisa, que se

fundamenta no ensino (visão teórico-prática) e na associação entre os esforços da docência e os da investigação científica e sistematizada, capaz de trazer propostas e reflexões para suprir a sociedade de informações necessárias ao processo de superação do velho paradigma.

Esse esforço de procurar dar respostas à sociedade se faz com a ação teórico-prática, em que a pesquisa é um dos principais instrumentos da atuação do profissional no mercado de trabalho. A ação do acadêmico (e mais tarde do profissional) passa a ser importante quando ele mesmo apresenta alternativas e soluções aos problemas existentes e propõe novas formas de atuação aos novos e crescentes desafios trazidos pela mudança que permeia a nossa sociedade. É aí que a iniciação científica passa a ser mais um meio de aprendizado para o aluno, ao incentivar a busca de novos conhecimentos.

A atividade de iniciação científica pode induzir o universitário a buscar o caminho da autonomia, partindo do conhecimento já existente para procurar chegar a um saber mais elaborado e aperfeiçoado, criticamente construído. O saber criado por meio da construção do conhecimento, da descoberta de novos fatos capazes de agregar-se ao acervo cultural já existente, deve ser apropriado pelo homem. Esse crescimento na construção e apropriação do conhecimento é referendado por ABREU E MASETTO (1990, p.84) ao relatar que os acadêmicos, ao desenvolverem suas pesquisas, além de terem assimilado o conteúdo das disciplinas, perceberam que também tinham modificado uma atitude e desenvolvido habilidades que poderiam utilizar em outros momentos de seu curso universitário.

No limiar da iniciação à pesquisa científica, pode-se considerar três pontos importantes, a saber:

- a) a pesquisa deve integrar-se no âmbito do conhecimento humano e relacionar-se com a história da humanidade, ao descobrir os meios de dominar a natureza, transformá-la e adaptá-la à sua necessidade;
- b) deve proporcionar a articulação e a integração dialética entre teoria e prática, com visão crítica deste processo. Nesta linha há a necessidade de uma teoria do conhecimento que dê suporte à investigação

e sua prática científica, que contemple toda a problemática existencial, social, histórica do saber científico, no que se refere a valores éticos e morais traduzidos nos resultados das investigações e sua utilização pelo pesquisador e pela sociedade;

- c) é importante ao pesquisador libertar-se política e culturalmente das amarras do passado ao superar a etapa da cultura emprestada para buscar a ciência autônoma e criativa, capaz de inovar, criar e desenvolver novos paradigmas para a nossa sociedade.

A tarefa de gestão terá maior chance de sucesso quando o trabalho empresarial for melhor embasado por estudos e projetos desenvolvidos de forma científica, reflexivo-crítica, criativa, a partir dos quais o empresário busca a compreensão de si próprio e da organização onde age e interage. Essa visão é referendada em PASSOS (1996, p.1) ao afirmar que “as técnicas de gestão inovadoras residem na mobilização dos agentes através de um ambiente de cooperação intra-empresa e inter-empresas, que dão sentido na reordenação das atividades produtivas”, o que lhes permite competir no mundo globalizado. Para isso, as empresas podem valer-se das pesquisas desenvolvidas pela universidade e agregá-las ao seu processo de gestão.

Os empresários, quando incentivam a pesquisa em suas organizações, beneficiam-se com a transferência de conhecimento trazido pelo universitário. No mundo dominado pela tecnologia não se deve mais encarar o estudante universitário como mero receptor do saber, mas como ser humano que, ao apropriar-se da tecnologia, do conhecimento, com orientação do professor, possa engajar-se na descoberta e na elaboração do saber sistematizado e organizado, associando teoria e prática. Este aluno deve vir construindo o seu conhecimento, sendo capaz de analisar, interpretar e transformar a realidade em sua volta. GARRIDO (1995 p.93) afirma que “um conhecimento se constrói da prática acumulada, em forma de teoria que sintetiza ou generaliza a atividade prática, posto que o homem só pode transformar o mundo a partir de um determinado nível teórico, ou seja, inserindo sua práxis atual na história”.

A adoção de novas tecnologias requer uma mudança comportamental das pessoas e das

organizações. Dificilmente ocorrerá a inovação tecnológica sem a introdução de uma nova mentalidade de trabalho, e o uso e a difusão de novos métodos e processos requerem a busca do novo, do moderno. Diante dos determinantes da realidade econômica, social, cultural e política abrangentes que influenciam diretamente a vida empresarial, conclui-se que as empresas brasileiras poderão sobreviver quando optarem pela modernidade e se prepararem para a competição de forma planejada e organizada dentro de um novo padrão de gestão.

O novo padrão de gestão nada mais é que uma profunda mudança cultural e de visão de mundo, que perpassa a preparação das pessoas, tornando-as aptas a contribuir no sentido de que esta transição seja menos traumática e no menor tempo possível. O Japão levou trinta anos para implantar esse modelo, mas o Brasil e suas empresas não terão este tempo, dado o secular atraso de seu modelo de capitalismo, tardio e incompleto, em que as desigualdades da base material, financeira e de recursos humanos necessários indicam a necessidade de recuperar esse tempo perdido, com medidas de impacto e aplicáveis à atividade produtiva nacional, de forma a mudar a técnica, os meios e as formas de gestão, notadamente por parte das pequenas e médias empresas.

3 A PESQUISA CIENTÍFICA ACADÊMICA COMO INSTRUMENTO PARA A FORMULAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE GESTÃO EMPRESARIAL

Os estudos existentes demonstram que, em outros países, as empresas superaram os modelos de gestão considerados antiquados e alcançaram o sucesso com a adoção de novas formas de organização produtiva e sistemas de trabalho modernos, capazes de superar os resultados do paradigma produtivo anterior. Este modelo a ser superado é na visão de PASSOS (1996, p.19), nada mais é que “os padrões tecnológicos e de gestão de empresas capitalistas que baseavam-se nos desdobramentos do (...) modelo Fordista-Taylorista de organização dos processos de trabalho, e ainda de estrutura empresarial departamentalizada típica do Fayolismo”. É este o paradigma adotado no final do século XIX e início do

século XX, que deve ser superado para permitir que as empresas brasileiras se tornem mais modernas e acompanhem os progressos registrados nas empresas de países avançados.

Nesta fase da sociedade brasileira, a busca de alternativas para superar o atraso encontra na pesquisa científica acadêmica um meio adequado de investigação para a compreensão dos problemas de gestão que afetam um número significativo de empresas brasileiras. Parte dessas pesquisas pode ser direcionada a investigar os impactos da reestruturação produtiva que vem ocorrendo nas nações do Primeiro Mundo, bem como nos países de industrialização mais recente, como é o caso da Coréia do Sul, México e, especialmente, Brasil.

Esses estudos podem iniciar com uma pesquisa bibliográfica, que poderá ser a base do marco teórico necessário para a compreensão desta problemática. Um problema estudado cientificamente tem para SEVERINO (1996, p.76) a função que “desencadeia uma série de procedimentos para a localização e busca metódica dos documentos que possam interessar ao tema discutido”.

Tal investigação poderá demandar inicialmente um estudo de caso, de uma atividade econômica, em que a inovação deva ser compreendida a partir de um marco teórico que interprete a realidade em seu sentido mais amplo, entendendo o processo econômico como fruto de relações sociais, dentro de uma economia capitalista em profunda transformação social, política, cultural e ambiental de um mundo globalizado e multicultural. IANNI (1993, p.66) afirma que “o que tem predominado são as interrogações sobre o modo pelo qual se forma e conforma, organiza e transforma a sociedade nacional que se modifica todo o tempo”. Essas alterações que estão ocorrendo nas sociedades capitalistas precisam ser compreendidas e estudadas para que se consiga determinar o impacto das mesmas sobre a organização empresarial brasileira, em grande parte conservadora e avessa a mudanças, mas que está inserida em um mundo de permanentes transformações. Estas mudanças vão sendo refletidas na formação do universitário, que pode vir a contribuir através da pesquisa científica para que a empresa se mantenha constantemente atualizada, construindo e reconstruindo sua capacidade competitiva.

Toda esta construção do conhecimento

teórico-prático na universidade poderá resultar na formação de um profissional que tenha o domínio de métodos de planejamento, capacidade analítica para a tomada de decisão, assim como para a execução de programas aplicados a conhecimentos específicos, elaboração de cenários e estratégias competitivas empresariais, planos de investimento, criação e avaliação de projetos, estudos de mercado (regional, nacional e internacional), captação e aplicação de recursos, com uma visão multicultural e ética que poderá utilizar na formulação dos novos modelos de gestão inovadora, capaz de assegurar o crescimento contínuo das empresas. FRIGOTTO (1995, p.31) afirma que “a qualificação humana diz respeito ao desenvolvimento das condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas do ser humano capazes de ampliar a capacidade de trabalho na produção dos valores de uso em geral como condição de satisfação das múltiplas necessidades do ser humano em seu devenir histórico”.

O projeto de iniciação à pesquisa científica na universidade deve propor compreensão e análise do processo de inovação e seus impactos na sociedade. Ao entender melhor a força da inovação e da mudança em uma sociedade, pode-se tomar consciência sobre o destino das organizações, ante a realidade de países emergentes como o Brasil, que precisa buscar respostas e soluções de forma organizada, sistemática e científica para muitos de seus problemas. Os resultados obtidos devem contribuir para o conhecimento dos novos paradigmas tecnológico-organizacionais que a sociedade necessita para romper com o antigo modelo organizacional ainda vigente. As novas formas de gestão empresarial devem estar calcadas em princípios contemporâneos, alocação dinâmica de recursos, trabalho essencialmente em equipe, monitoramento dos resultados, trabalho organizado em projetos e coordenado para os objetivos maiores que são o crescimento ordenado e sistematizado das empresas.

Todas as etapas das atividades de iniciação a pesquisa científica devem ser avaliadas não apenas quanto aos resultados obtidos, mas também quanto às dificuldades encontradas no próprio curso do processo, indicando os limites e possibilidades desta estratégia de construção do conhecimento e de intervenção na realidade. ALMEIDA (1997, p. 171) afirma que “a inserção do aluno na produção do

conhecimento científico, através de uma participação ativa em projetos ou atividades de pesquisa, deve ser feita desde o início do curso”. Assim, a pesquisa científica precisa ser avaliada para verificar se o caráter pedagógico da aprendizagem alcançou maior qualidade na autonomia do aprendiz, enfocando as dimensões multifacetadas da realidade teórico-prática. De acordo com Vasconcelos (1995, p.87), “o conhecimento apreendido deve ser significativo, crítico, criativo e duradouro”, ao ponto de estimular a capacidade de aprendizagem para novos vãos que permitam ao aluno (que mais tarde será um profissional) galgar a escala hierárquica da empresa, aplicar todo o seu potencial de conhecimentos e não deixar fossilizar o seu saber como sendo um produto pronto e acabado que não mais necessita de novos conhecimentos. A avaliação também é importante na visão de ABREU & MASETO (1990, p.84) quando constatam que, “ao término do semestre, todos os trabalhos estavam terminados e os alunos se declararam satisfeitos com suas descobertas das bibliotecas, com a constatação de que poderiam desenvolver uma atividade de pesquisa e sentindo o resultado concreto de seus esforços”.

A avaliação de um programa de iniciação à pesquisa científica deverá ser essencialmente dinâmica, caracterizando-se como um processo que deverá ser constantemente diagnosticado, por isso realizado no momento em que as situações acontecem, tendo em vista o futuro, a correção de rumos e formas de atuação do presente e interessar-se pela eficácia, através da realização de uma prática que tenha um resultado socialmente desejável (GANDIM, 1995, p. 52).

A pesquisa científica acadêmica poderá ser mais um caminho no aprimoramento da cultura organizacional da empresa brasileira de modo a torná-la mais forte e competitiva nesta era de globalização, trazendo benefícios para si e para o conjunto da sociedade. E esta tarefa de despertar as empresas para a necessidade de mudança cultural poderá ser desenvolvida pela universidade, fazendo jus ao seu papel de entidade voltada para o ensino, pesquisa e extensão.

Com isso, a universidade pode oferecer à

sociedade um conjunto de respostas, capazes, quando aplicadas, de mudar a forma de gestão da organização e alterar quantitativa e qualitativamente a participação da empresa brasileira na economia global. Essa organização deve ter reflexos que permeiem toda a sociedade, como a geração de emprego, o desenvolvimento de novos produtos e, principalmente, o aproveitamento adequado dos recursos humanos, científicos, culturais e financeiros que foram produzidos pelo trabalho de gerações anteriores e que possam resultar em uma sociedade mais justa e equilibrada.

Diante dessa dinâmica, a cultura não deve ser vista como mera acumulação de conhecimentos e técnicas que podem explicar o funcionamento de uma sociedade complexa como a brasileira, onde coexistem organizações avançadas e outras atrasadas, inclusive no âmbito empresarial. Os resultados da pesquisa científica passam a fazer parte de um saber sistematizado, que nos permite olhar o passado, o presente e o futuro de maneira a poder compreender e agir sobre a sociedade, integrando as diversas manifestações culturais, realidades e experiências que possam trazer o novo, superando os limites da ciência e do conhecimento até então construídos.

A sistematização e a ordenação do conhecimento são importantes para que possam ser apropriados pela humanidade e, no caso específico, pela comunidade empresarial. Esse conhecimento construído mediante a pesquisa científica, mas não somente ela, poderá desvendar todo um conjunto de pensamentos e de ações que marcam a complexidade das organizações sociais e produtivas. É por intermédio desse saber construído que se passa a entender as crenças, costumes, tradições, formas de ação e encaminhamentos das questões que envolvem não só as empresas, mas os vários grupos sociais distintos e com interesses comuns, que em muitos momentos são antagônicos e resolvidos através da disputa de espaço dentro da comunidade.

O saber enquanto conhecimento construído na universidade (mas não só por ela) pressupõe uma atividade constante de pesquisa, que necessita ser incentivada e socializada para que os diversos segmentos da sociedade tenham acesso ao que foi, é

e será produzido enquanto pesquisa científica acadêmica. Não se trata de acumular o saber e o conhecimento como forma de procurar entender a sociedade, mas sim de buscar uma visão sobre a totalidade desta realidade complexa. Na pesquisa científica acadêmica, as sínteses obtidas em cada etapa devem ser necessariamente provisórias, para que seja possível continuar a busca de novos saberes, em novas bases e com interpretações que incorporem os conhecimentos construídos anteriormente.

Este é o ponto crucial da pesquisa. Ela precisa ser institucionalizada como atividade primordial de uma universidade, dentro de um clima de investigação perene, rigoroso e sistemático, em que não se produzem verdades eternas, mas etapas de saber que devem ser continuamente superadas para dar continuidade ao trabalho de investigação. Não deve haver a pretensão de que o trabalho de pesquisa científica tenha apenas um caminho ou um ponto de chegada, mas sim a obrigação de descobrir novos e muitos caminhos, pois a sociedade brasileira vem passando por um período histórico de grandes diversidades culturais, trazidas pela globalização econômica e que exigem o pensar globalmente e agir localmente.

O caminho da pesquisa científica, mais do que nunca, vai exigir sacrifício e espírito crítico não somente para se aceitar novas visões de mundo, como para que se atue na busca de novas alternativas para as organizações empresariais, que ainda insistem em ficar olhando para o passado como se as conquistas e resultados anteriores fossem a garantia do sucesso futuro. O êxito passado pode, no máximo, nos fazer refletir sobre as ações realizadas anteriormente. Deve-se buscar novas interpretações para a sociedade brasileira, que está em rápido processo de mudança econômica, política, social e cultural. Esse mesmo princípio é válido para a atividade empresarial. Logo, a pesquisa científica pode ser do interesse da classe empresarial, como uma forma de embasamento aos processos de mudança na gestão empresarial.

As empresas, em sua grande maioria, ainda não perceberam que incentivando a pesquisa científica nas universidades podem usufruir dos resultados para alavancar o seu processo de desenvolvimento organizacional. O desenvolvimento econômico e

empresarial não ocorre de forma linear, mas sim nos diferentes padrões de acumulação de capital que direcionam o capitalismo em vários países, inclusive no Brasil, neste final de um milênio.

Com a pesquisa científica, certamente, pode haver maior interação entre aluno, universidade e setor empresarial. Essa simbiose vai possibilitar ao discente uma educação política que o prepare para conhecer e entender a sociedade contemporânea, vindo a criticá-la com base no conhecimento científico. Esta experiência formativa não se esgota na relação formal do conhecimento, mas implica a transformação do sujeito em seu contato com o objeto, exigindo tempo e continuidade no processo, em oposição a uma visão fragmentada que não possibilita a compreensão das relações sociais como um todo.

A educação e formação do aluno pela pesquisa científica busca emancipar o saber pensar e o saber fazer (agir na e sobre a realidade), resultando em um ser humano autônomo, capaz de compreender, analisar, agir e transformar o mundo do trabalho e do sistema econômico, político e cultural. A emancipação política do universitário também será uma das maneiras de as empresas disporem de massa crítica para fazer frente aos desafios de competitividade, competência e adaptabilidade às novas exigências que o segmento empresarial vem enfrentando com a abertura comercial, pela globalização e acelerado pelo desenvolvimento tecnológico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E ALGUMAS CONCLUSÕES

Diante dos desafios resultantes da globalização da economia e que afetam o desempenho e organização empresarial, a universidade, como centro de reflexão crítica e espaço de criação científica, poderá exercer a função de buscar novos métodos de gestão empresarial, em que a iniciação científica por parte dos alunos, articulados a uma orientação competente dos professores, propicie a formação de profissionais capazes de produzir modelos teórico-práticos de gestão que respondam às exigências do novo paradigma.

Certamente a universidade, mediante a efetivação de parcerias duradouras com as empresas, poderá desenvolver projetos que proponham soluções aos entraves na gestão empresarial e

avaliar-se continuamente em sua função essencial, que deve estar voltada para o ensino, pesquisa e extensão, tarefa indelegável por princípio.

É neste momento histórico que a universidade deve resgatar o espírito e a atitude da pesquisa em seus professores e alunos, demonstrando teoria e prática como ação indissociável, para compreender o seu papel na formação profissional, explicitar as demandas da sociedade e criar condições para a produção do conhecimento científico como uma das formas de contribuir para o desenvolvimento econômico, social e cultural da nação, capacitando a empresa e seus funcionários a competir qualitativa e quantitativamente frente aos concorrentes internos e externos.

A pesquisa científica acadêmica poderá ser a

grande (mas não a única) alavanca do desenvolvimento empresarial, não só pela preparação de recursos humanos mais críticos e capazes, mas pela possibilidade de as empresas passarem a dispor de um conjunto de informações que, se utilizadas de forma inteligente, irá torná-las mais aptas às mudanças que se fazem necessárias quanto à modernização da empresa brasileira. A economia brasileira não está tendo o tempo histórico que outras economias tiveram para se adaptar às grandes mudanças anteriormente citadas. Não é mais uma questão de escolha e sim de sobrevivência para muitas organizações. Espera-se que os projetos de pesquisa acadêmica possam dar a sua parcela de contribuição à sociedade, o que, com certeza, terá reflexos não somente no meio empresarial. Esses estudos, pela sua profundidade, poderão influir positivamente em outros segmentos, tais como os profissionais liberais, trabalhadores autônomos e outros grupos, que poderão apropriar-se dos resultados das pesquisas científicas quando concluídas e gerarem mudanças positivas para a comunidade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. C. e MASETO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG, 1990.
- ALMEIDA, L. et al. Participação em projeto de pesquisa: uma via de formação do pesquisador. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo : Fundação Carlos Chagas, n. 101, p.169-177, jul. 1997.
- FLEURY, M.T.L. A cultura da qualidade ou a qualidade da mudança. In: FERRETTI, Celso João et al. (org.) **Tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. 3.ed. Petrópolis : Vozes, 1996. p.21-35.
- FOSTER, R. **Inovação : a vantagem do atacante**. São Paulo : Best Seller, 1988.
- FRIGOTTO, G. Educação e crise do capitalismo real. São Paulo : Cortez, 1995.
- GANDIM, D. Algumas idéias sobre a avaliação escolar. **Revista da AEC**, v.24, n.97, p.48-55, out./dez. 1995.
- GARRIDO, S. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** São Paulo : Cortez, 1995.
- IANNI, O. Nação e globalização. In: SANTOS, M. et al. **O novo mapa do mundo - fim de século e globalização**. São Paulo : Hucitec, Anpur, 1993. p. 66-74.
- PASSOS, C. A K. **Indústria brasileira e globalização: alguns dos desafios a enfrentar**. Curitiba : CEFET/PR., 1996 (mimeografado).
- SEVERINO, J. S. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo : Cortez, 1996.
- VASCONCELOS, C. S. Algumas observações sobre a mudança na prática de avaliação. **Revista da AEC**, Brasília, n.97, p.87-97, 1995.